

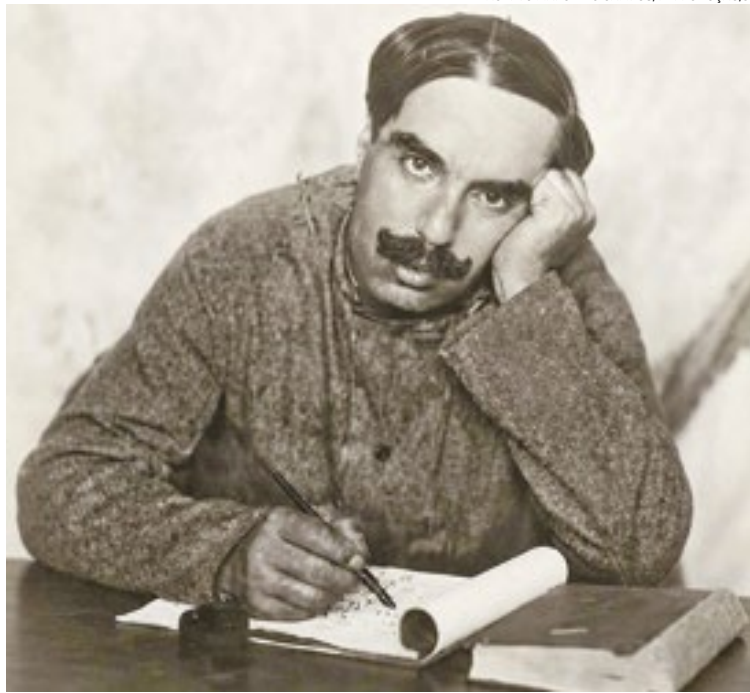
Literatura e dramaturgia

- ▶ *Rosicler* (crônica/poesia) | 1905
- ▶ *Operários* (poesia) | 1907
- ▶ *A Carta Anônima* (teatro) | 1909
- ▶ *Nas Sombras do Cárcere* (crônica) | 1913
- ▶ *Na Cela N.º 3* (crônica) | 1913
- ▶ *Na Luz da Liberdade* (crônica) | 1914
- ▶ *A Primeira Rosa* (teatro) | 1915
- ▶ *Lama!* (romance) | 1916
- ▶ *Cego De Amor* (teatro) | 1916
- ▶ *Mãe Brasileira* (teatro) | 1916
- ▶ *Portugal Na Guerra* (teatro) | 1918
- ▶ *Grito D'Alma* (teatro) | 1918
- ▶ *Rosas de Sangue* (poesia) | 1920
- ▶ *Monólogo* (teatro) | 1920
- ▶ *Bíblia do Ódio* (ensaio) | 1921
- ▶ *Sangue Americano* (crônica) | 1924
- ▶ *La Garçonne Brasileira* (romance) | 1925
- ▶ *Prosa de Combate* (crônica) | 1927
- ▶ *Musa Vermelha* (poesia) | 1928
- ▶ *Freirinha do Convento da Saudade* (poesia/conto/romance) | 1930
- ▶ *Armistício* (teatro) | 1932
- ▶ *Flor Dos Pampas* (poesia/crônica) | 1935
- ▶ *Caxias* (teatro) | 1940
- ▶ *Precisamos Ser Brasileiros* (ensaio) | 1941
- ▶ *Viva o Brasil, Canalha!* (ensaio) | 1942
- ▶ *Caxias* (ensaio) | 1942
- ▶ *A Existência de Deus e a Felicidade Humana* (ensaio) | 1949
- ▶ *Caminhos do Meu Destino* (memórias) | 1960

Escândalo e prisão

A figura magnética de Carlos Cavaco não passou despercebida a um público pouco presente à agitação das ruas no primeiro

quarto de século: o feminino. Conhecido - e temido - como irresistível galanteador, suas aventuras extraconjugais eram motivo de



ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC

Na prisão (1913-14): acusado de seduzir adolescente, sempre protestou inocência

escaramuças domésticas mencionadas pelo cronista Nilo Ruschel no livro *Rua da Praia* (1971): “Personagem tão novelesco não poderia ter uma vida familiar muito tranquila. Por várias vezes se separou da mulher e, depois de cada briga, ele voltava, começando pela forma romântica de então. Postava-se à esquina, perto da casa e, de longe, principiava a namorar, ao melhor estilo, a deusa dos seus sonhos... Bilhetes, versos, ramalhetes de flores”.

No final de 1912, seu nome esteve no centro de um dos maiores escândalos gaúchos da época, com ampla repercussão na imprensa e burburinho nos cafés e rodas de conversa da cidade. O incidente envolvia a acusação de seduzir e raptar a adolescente Leonor Príncipe, filha de um militar e que permanecera desaparecida durante uma semana, até ser encontrada pela Polícia em uma casa no Areal da Baronesa. Cavaco estava fora de Porto Ale-

gre e, mesmo assim, acabou condenado a oito anos de cadeia na Casa de Correção - permaneceu 14 meses engaiolado, até ser solto após suposta intervenção da própria esposa junto às autoridades.

O período havia inspirado o prisioneiro a escrever os livros *Nas Sombras do Cárcere* e *Na Cela n.º 3*, nos quais reafirmava inocência. Uma terceira obra, *Na Luz da Liberdade* (1914), estamparia na capa a foto da multidão a recepcionar Cavaco no portão da penitenciária, antes de carregá-lo nos ombros - uma prova indiscutível do ambíguo fascínio do personagem no imaginário da época. Ele voltaria ao noticiário por *affair* semelhante em 1918, dessa vez com a jovem Carlota Granna, conforme relata o historiador Benito Schmidt: “Temendo nova prisão e a hostilidade pública decorrente de suas audaciosas investidas, o irrequeto agitador viu-se forçado a exilar-se [temporariamente] no Uruguai”.

Diplomata e funcionário público

Tantas foram as andanças de Carlos Cavaco que a narrativa desta reportagem é forçada a dar um salto até 1921. Já viúvo e pai de uma filha, ele viajou por países como Bolívia, França, Espanha e Portugal, travando contato com intelectuais e políticos, sobretudo em Lisboa, onde conseguiu proeza que beirava o surrealismo: a nomeação como cônsul do País no Equador (!). De volta ao Brasil na segunda metade da década, obteve o título de doutor pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, chegando a atuar como professor, aprovado em concurso de 1926. Já as inclinações para Don Juan foram lacradas no ano seguinte, ao se casar com Heloisa Yolanda Bezerra, com quem teria mais seis rebentos - a maioria mulheres.

Integrado às forças do golpe militar que em 1930 levou o gaúcho Getúlio Vargas ao comando do País, Cavaco passou a exercer cargos de destaque no Ministério do Trabalho, sem prejuízo à constante produção

literária e dramática. A trajetória como burocrata ganhou continuidade em cargos como fiscal do Departamento Nacional do Trabalho, oficial do Cartório do Registro do Protesto de Títulos do Rio de Janeiro (cargo pelo qual se aposentou em 1945) e assessor técnico da Comissão de Orientação Sindical do ministro João Goulart (1953-1954). Experiência, aliás, que não lhe garantiu os votos necessários em duas candidaturas a deputado federal.

Os anos finais do antigo agitador das massas foram de vida tranquila com a família em Petrópolis, na serra fluminense, de onde saiu em setembro de 1956 para uma última visita à sua natalícia Sant'Ana do Livramento. Em 1960, após a publicação de *Caminhos do Meu Destino* (Memórias), excursionou novamente pela Europa, sendo recebido em audiência no Vaticano pelo papa João XXIII. “Em Paris, no mês de junho, Carlos Cavaco sentiu os primeiros sinais da doença que

o levaria ao túmulo 18 meses depois. Submetido a intervenção cirúrgica em agosto do ano seguinte, foi desenganado pelos médicos”, relata o biógrafo Ivo Caggiani, sem mencionar explicitamente o câncer.

Mesmo debilitado, dedicou no *Jornal de Petrópolis* um artigo ao amigo Alziro Zarur, jornalista e fundador da Legião da Boa Vontade (LBV). Dias depois, em 22 de dezembro de 1961, encerrava-se aos 83 anos a trajetória quixotesca de um gaúcho que ainda hoje atrai a atenção de pesquisadores mundo afora. E cujas reminiscências em livro haviam sublinhado, a respeito do próprio legado: “Tenho certeza de que o meu nome será um dos poucos lembrados nos anos e até nos séculos do futuro, enquanto serão completamente esquecidos os de muitos que hoje se refratam no bem-estar, no conforto, no prestígio, no luxo de altas posições. Tenho absoluta certeza de que não serei somente o que os outros são, pó que voltará ao pó”.

ACERVO MARCELLO CAMPOS/REPRODUÇÃO/JC



Carlos Cavaco mudou-se para o Rio de Janeiro nos anos 1920



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade & Propaganda (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há quase duas décadas, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com